

1

Introdução

1.1. Os verbos “Ser” e “Estar”

O desenvolvimento da pesquisa, que se situa na esteira dos estudos linguísticos empreendidos na área de PL2E¹ e que orientou a produção deste trabalho, foi motivado pela constatação de dois problemas, ambos atinentes ao processo de ensino-aprendizagem nessa área. O primeiro dos quais toca às dificuldades encontradas pelos aprendizes estrangeiros (particularmente, os falantes de línguas inglesa e francesa, visto que essas línguas não codificam a distinção semântica entre “ser” e “estar”) no uso dos verbos “ser” e “estar” – dificuldades estas por nós observadas quando da aplicação de exercícios numa classe de estudantes de língua portuguesa, de nível 2, na PUC-Rio². Vejam-se, à guisa de ilustração, alguns excertos dos exercícios propostos, em que se acha o emprego de “estar” em um ambiente sintático-semântico para o qual o uso de “ser” é previsto.

- Onde **está** o jogo?
- Ué, **está** no Engenhão (...).

- (...) Mas é chato quando os clássicos não **estão** no Maracanã.

- O Maracanã **está** o grande palco do espetáculo! (...)

- Não sei exatamente, mas acho que **está** de Nova Iorque.

Como se pode ver, o aprendiz estrangeiro usa o verbo “estar” em desacordo com as regras previstas pela gramática do português quando da seleção entre “ser” e “estar”. Em todos os enunciados acima referidos, dever-se-ia usar “ser” em vez de “estar”. Tal afirmação encontra base em nossa intuição enquanto falante nativo

¹ Sigla cunhada pela professora Rosa Marina de Brito Meyer (Albuquerque & Meyer (orgs.) 2009, p.14).

² Os exercícios se acham em Apêndices – Exercícios aplicados.

de língua portuguesa, mas carece de uma base descritivo-explicativa. É preciso fazer ver, em primeiro lugar, que as configurações sintáticas em que se acha “estar” são diferentes. Em cada um dos exemplos “onde está o jogo?”, “está no Engenhão” e “estão no Maracanã”, o verbo “estar” se articula a um constituinte introduzido pela preposição “em”. Nos dois últimos, esse constituinte está expresso; no primeiro, deve ser inferido a partir de “onde” (em algum lugar). Em “está de Nova Iorque” e “O Maracanã está o grande palco do espetáculo”, o verbo “estar” se articula, respectivamente, a um constituinte introduzido pela preposição “de” e um constituinte de base nominal (sintagma nominal). De passagem, note-se que cada um dos constituintes preposicionados é formado de preposição diferente. Não basta, contudo, fazer ver a diferença entre os ambientes sintáticos em que figura o verbo “estar”, já que se pode usar “estar” com aquelas construções preposicionais (v. “A chave está na gaveta”, “João está de chapéu”). Para além do arranjo sintático, é preciso reconhecer uma configuração semântica determinada pelo *predicador*, a saber, o constituinte responsável pelo estabelecimento da predicação. Alhures, vamo-nos ocupar com a noção de predicador. Por ora, basta dizer que o elemento que se pospõe imediatamente ao verbo, ou seja, o conjunto formado pela preposição e SN, é o predicador. Assim é que “no Engenhão” é o predicador, em “está no Engenhão”. O predicador é responsável não só por estabelecer relações entre termos, mas também por atribuir-lhes propriedades. É o predicador que fará restrições quanto aos traços semânticos que deve comportar o sujeito, instaurando, assim, uma rede semântico-conceptual coerente com um dado modelo de mundo. Opera-se aqui a *função ideacional* a que se refere Halliday ([1970] 1976). O conteúdo de ‘lugar’, lexicalizado na forma “Engenhão”, que preenche o núcleo de um SN “encaixado” num SP determinará o uso de “ser” ou “estar”, conforme a configuração semântica resultante de sua relação com o sujeito. De maneira geral, poder-se-ia propor que o substantivo ‘Engenhão’, na função de predicador num sintagma preposicional, prevê como significados atualizáveis na posição de sujeito os de ‘Objeto’ (estátua), ‘Evento’ (jogo, show) e ‘Pessoa’ (Pedro, Pelé). Destarte, poderíamos ter enunciados tais como³:

³ Exemplos forjados por nós.

- (1) A estátua de Garrincha _____ no Engenhão
- (2) O jogo do Flamengo _____ no Engenhão
- (3) O show de Roberto Carlos _____ no Engenhão.
- (4) Pelé _____ no Engenhão.

Se ao falante nativo fosse solicitado o preenchimento das lacunas com “ser” ou “estar”, intuitivamente, a sequência adequada seria: (1) está; (2) é; (3) é; (4) está. Com vistas a buscar uma generalização que dê conta do fato de tanto o conteúdo de Objeto, realizado por “A estátua de Garrincha”, quanto o de Pessoa, realizado por “Pelé” ser compatível com o uso de “estar”, mas não com o de “ser”, tem-se proposto o traço [+mobilidade]. Em outras palavras, se o sujeito que figura em predicções com SP introduzido por “em”, de valor locativo, comportar o traço [+móvel], o uso de “estar” será corrente entre os falantes nativos de português. Decerto, tanto a estátua quanto Pelé são entidades às quais se pode aplicar o traço [+móvel]. De passagem, note-se que a mobilidade atribuída a ‘Pelé’ (que designa ‘ser humano’) se combina com a propriedade [+intencionalidade], que está ausente da constituição semântica de ‘estátua’; o fato, contudo, não tem implicação quando da escolha por “estar” no lugar de “ser”.

Um olhar mais acurado sobre as ocorrências de (1) a (4) chama-nos atenção para um aspecto cognitivo importante, envolvido nas noções de ‘PESSOA’, ‘OBJETO’ e ‘EVENTO’: as unidades linguísticas a que se associam essas noções designam dados de nossa experiência passíveis de ‘deslocamento’. A distinção que deve ser feita é relativa às duas dimensões em que se desenrolam nossas experiências de mundo. Em outras palavras, enquanto o deslocamento das entidades ‘Pelé’ (pessoa) e ‘estátua’ (objeto) se dá no ‘espaço’, o de ‘jogo’ e ‘show’ se dá no tempo, caso em que o concebemos como ‘transferência’. Dizemos que o jogo ou show será transferido para outro lugar ou para outro dia.

A fim de evitar o emprego de diversas noções que não fariam senão perturbar nossa análise, propomos o traço semântico [+ mudável] para dar conta das noções de deslocamento (espacial ou temporal) ou transferência que estão implicadas nos conceitos de “pessoa”, “objeto” e “evento”. O traço [+ mudável] evita a associação comum com transformação, sugerida pelo uso de ‘mutável’.

Parece-nos claro que apenas a propriedade [+ mudável] é insuficiente para explicar a ocorrência de “ser” e “estar” nos casos considerados. É preciso lançar mão de outros traços que com que podemos combiná-lo. Propomos os traços [+ espacial] e [+temporal].

Se levarmos em conta, portanto, o uso de “ser” e “estar”, nesses casos, não nos seria custoso concluir que o uso de “estar” é compatível com os conteúdos de “Objeto” e “Pessoa”, realizados pelo sujeito, mas não com o conteúdo de “Evento”; e “ser” estaria excluído da relação com aqueles conteúdos, de sorte que só seria compatível com o conteúdo de “Evento”. Esquemáticamente, teríamos o seguinte resultado:

X ₁ PESSOA	<i>estar</i>	no Engenhão
X ₁ OBJETO	<i>estar</i>	no Engenhão
[+ mudável]		
[+espacial]		
X ₁ EVENTO	<i>ser</i>	no Engenhão
[+ mudável]		
[+ temporal]		

Valeria explorar a hipótese segundo a qual, na ocorrência de uma estrutura ‘em_SN’ de valor locativo, o uso de “ser” ou “estar” depende da oposição entre abstrato e concreto relativamente à semântica do sujeito. Em outras palavras, valeria, para efeito da determinação da ocorrência de “ser” ou “estar”, considerar a regra: se o sujeito for representado por um substantivo [+ abstrato], usa-se “ser”; se, por outro lado, for representado por um substantivo [+ concreto], usa-se “estar”. Não excluída daí, evidentemente, a possibilidade de haver graus de abstratividade, o que nos impediria de compreender a questão em pauta em termos de conceitos discretos.

Estamos atentos, contudo, a contra-exemplos que perturbam a análise proposta. Para o caso de “A PUC é na Gávea”, análogo ao caso “O jogo do Flamengo é no Engenhão”, já que os respectivos sujeitos comportam o traço [-mudável], é possível ouvir um enunciado do tipo “A PUC agora está na Barra”. Claro está que não interpretamos ter havido um deslocamento do prédio da PUC

de um lugar para outro, mas sim o surgimento de uma nova unidade desta instituição na Barra. Note-se que é a presença de ‘agora’ que torna possível essa interpretação. Com o uso de ‘agora’, depreendemos uma mudança num estado-de-coisas do mundo: distinguimos entre um momento em que a PUC só operava com uma unidade na Gávea e um momento em que ela opera com duas unidades, uma localizada na Gávea e outra na Barra. Neste exemplo, o traço [+/- mudável] demonstra-se inoperante; ou melhor, insuficiente para explicar a ocorrência de “estar”. Insistimos na necessidade de avaliarmos as ocorrências dos verbos “ser” e “estar” nestes e noutros casos considerando os contextos de uso. Cumpre-nos observar que a interpretação segundo a qual ‘a PUC funciona agora na Barra, não mais na Gávea’, possível a partir de “A PUC agora está na Barra” será descartada devido aos contextos sociocognitivos⁴ partilhados entre os interlocutores. Nosso *background* cultural nos informa sobre o fato de que A PUC tem uma unidade na Barra, sem deixar de operar na Gávea. Vale ainda dizer que o contexto sociocognitivo vem suprir as lacunas (os ‘vazios’, ‘as informações faltantes’) de nossos enunciados, fazendo com que a significação pretendida seja compreendida, sem que precisemos “entulhar” nossos enunciados com palavras de ajuste. Se assim não fosse, a língua perderia muito em dinamicidade, flexibilidade, tornando-se ineficiente, do ponto de vista comunicativo. Se, por ventura, os ajustes forem necessários (referimo-nos a reformulações de nossos textos), o serão sempre que verificarmos lacunas no compartilhamento dos contextos sociocognitivos. Assim é que, notando alguma dificuldade de nosso interlocutor na interpretação do que pretendemos comunicar, buscaremos ajustar nossos enunciados de modo que ele venha a nos compreender.

Outro caso que dificulta a análise aqui proposta é o enunciado “A faca é na gaveta de cima”. De acordo com nossa análise, “ser” é incompatível com sujeito representado por substantivo que designa entidade [+ móvel]. O uso de “ser” é, contudo, perfeitamente aceitável, assim como o é o uso de “estar”. Disso não se segue que seja indiferente usar um pelo outro. Aqui avulta a importância da consideração do contexto sociocognitivo.

Como nosso trabalho está assentado nos postulados da LSF desenvolvida por Halliday, pode-se tentar solucionar a referida dificuldade pelo reconhecimento

⁴ O conceito de contexto sociocognitivo será definido e explicado no capítulo quarto, em que vamos apresentar e desenvolver os conceitos fundamentais à nossa análise.

de uma das lições básicas desse autor, qual seja, a lição segundo a qual texto produz contexto (Halliday, 1989a). A indissociabilidade entre texto e contexto pode ser pensada tanto pela observação de que produzimos textos em contextos quanto pela observação de que os textos (re)criam contextos (ou os produzem). Assim é que quem diz “A faca é na gaveta de cima” pode querer orientar alguém a guardar no lugar adequado esse objeto. Esse enunciado seria produzido num contexto de ‘orientação para localização de x’. Quem, por outro lado, profere “A faca está na gaveta de cima”, informa alguém da localização da faca (supondo-se que esse alguém esteja procurando uma faca). Esse enunciado seria produzido num contexto de ‘informação sobre a localização de X’. Como se vê, só mesmo o contexto pode determinar o uso de “ser” e “estar”. Além disso, a escolha entre um e outro verbo produz significados diferentes, ou seja, atende a necessidades sócio-comunicativas diferentes.

Devemos reconhecer, contudo, que a descrição contextual ‘informação sobre a localização de x’ não é exclusiva ao uso do verbo “estar”. Ela pode estar subjacente ao uso do verbo “ser” também. Destarte, parece ter plena aceitação produzir “A faca é na gaveta de cima”, num contexto em que nosso interlocutor estivesse buscando uma faca para cortar uma goiabada, por exemplo. O locutor, produzindo esse enunciado, informaria seu interlocutor da localização da faca. Disso se segue que melhor será dizer que apenas o conteúdo ‘orientação para localização de x’ goza de exclusividade, relativamente ao verbo “ser”. O conteúdo ‘informação sobre a localização de x’ é recoberto pelo uso de ambos os verbos.

A observação de casos como estes leva-nos a validar a adequação do funcionalismo proposto por Halliday ao tratamento dos usos de “ser” e “estar”, visto ser seu modelo uma tentativa de compreender a linguagem em uso, tendo em conta a relação entre os textos produzidos e o contexto. Saliente-se que um modelo descritivo que se limite a considerar tão-só as relações semântico-estruturais em que estão implicados os usos de tais verbos não dará conta da complexidade do fenômeno linguístico em tela, dado que é necessário considerar fatores de ordem contextual que vão influenciar, não raro decisivamente, a escolha entre uma forma e outra.

O segundo problema que se encontra na motivação de nosso estudo diz respeito à observação da falta de sistematicidade no tratamento dos usos de “ser” e “estar” nos materiais didáticos disponíveis na base dos quais o professor de PL2E

orienta sua prática pedagógica. No segundo capítulo deste trabalho, em que revisitaremos a bibliografia básica adotada, para efeitos de análise, destinaremos uma seção para apresentar e avaliar como se dá o tratamento do fenômeno nesses materiais. Por ora, cumpre observar que a abordagem dos usos limita-se à apresentação de casos paradigmáticos (p.ex. estruturas interrogativas com “onde”), listas de emprego e pouco avanço no que toca à explicação das razões por que escolhemos um verbo pelo outro quando o ambiente sintático-semântico favorece o uso de qualquer um dos verbos (cf. Seu trabalho *é/ está* bom).

Intentamos, portanto, contribuir para solucionar os dois principais problemas que apontamos: a falta de um instrumental teórico-metodológico que norteie a prática pedagógica no ensino de PL2E e que auxilie o professor na abordagem dos usos de “ser” e “estar” em sala de aula, e as dificuldades encontradas pelos aprendizes estrangeiros quando do uso dessas formas verbais. Seja qual for a razão considerada para justificar o empreendimento deste estudo, terá ela inspiração pedagógica, pois que estamos preocupados em elucidar as questões intrincadas com que se vê às voltas o professor de PL2E, sempre que precisa ensinar os estudantes não-nativos a usar adequadamente os verbos “ser” e “estar”.

Finalmente, cumpre-nos notar que, a despeito de nosso interesse recair sobre os usos dos verbos “ser” e “estar”, não consideraremos todo e qualquer uso. A delimitação das ocorrências de tais verbos constituiu condição necessária ao satisfatório desenvolvimento de nossa pesquisa. Como as maiores dificuldades encontradas pelos falantes não-nativos de português estejam ligadas aos casos em que “ser” e “estar” integram uma estrutura oracional, que prevê um argumento na posição de sujeito (explícito ou recuperável pelo co-texto), os usos contemplados em nossa análise recobrem os casos em que aqueles verbos se articulam a um SN (sintagma nominal), SAdj. (Sintagma adjetival) ou SP (sintagma preposicional). Trata-se, portanto, de casos em que a gramática tradicional vê ora um verbo de ligação articulado a um predicativo, ora um verbo semanticamente pleno, articulado a um adjunto adverbial⁵

⁵ Essa parece ser a posição de Cunha & Cintra (2001, p. 133), muito embora os autores não façam referência, na presente edição, à função do constituinte que se segue à direita do verbo, mas consideram ocorrências do tipo “Estavas em casa” (ib.id.) como exemplos em que “estar” é um verbo significativo e não ‘de ligação’. Lima (2001), no entanto, diverge desses autores, postulando a função de complemento circunstancial para o constituinte posicionado à direita do verbo.

1.2. Objetivos

O objetivo geral a que visa este trabalho é propor uma sistematização dos usos dos verbos *ser* e *estar* em construções em que tais verbos, na função de transpositor, articulam dois constituintes: um na posição de argumento 1 (sujeito) e o outro na posição de predicator.

Constituem objetivos específicos deste trabalho:

- Descrever a estrutura semântico-sintática dos enunciados em que figuram *ser* e *estar*;
- Determinar os fatores semânticos e contextuais que influenciam a escolha entre um e outro verbo;
- Listar as estruturas em que tais verbos se articulam com sintagmas preposicionais;
- Sistematizar os usos desses verbos;
- Fornecer subsídios que orientem o professor em sua prática pedagógica de PL2E.